

**Werner Thielemann**  
(Humboldt-Universität zu Berlin)

***Os Estudos sobre a formação de palavras nas línguas  
românicas***

**(Studien zur Romanischen Wortschöpfung)**

**(1876) de Carolina Michaëlis**

**no ambiente das escolas linguísticas**

**do século XIX**

**(Humboldt, Grimm, Diez, Bréal, Schleicher)**

**0**

O presente artigo tem dois objectivos: por um lado, mostrar as ideias linguísticas que Carolina Michaëlis desenvolve nos seus *Estudos sobre a formação de palavras em línguas românicas*<sup>1</sup> e, por outro lado, situar Carolina Michaëlis dentro das ideias e escolas linguísticas da sua época. Fascinantes ambos, não só por causa do peso intelectual de Carolina Michaëlis em Portugal, mas também devido à disputa entre o Romantismo (Humboldt e Grimm), a Linguística Comparada (Bopp e Schleicher) e a Escola Social em França (Bréal e, mais tarde, Dürkheim).

Vamos começar pela última: os nomes no título acima indicam duas escolas: a de Berlim e a de Bona, quer dizer uma de *Humboldt, Bopp, Grimm* e a outra do grande mestre dos estudos românicos, *Friedrich Diez e Schleicher*, em Bona.<sup>2</sup> Temos de integrar, no entanto, uma terceira escola, a *francesa*, concretamente a de Paris, para completar a imagem.<sup>3</sup>

---

1 A tradução do título como «Origens das palavras nas línguas românicas», não é exacta. A palavra *Wortschöpfung* que se situa entre *criação* e *formação* é um termo da tradição de Franz Bopp, que também aparece na *Deutsche Grammatik* de Jacob Grimm.

2 Schleicher começou em Bona, sendo, no entanto, o seu período mais marcado Jena.

3 Nesta época do século XIX Paris representa a França científica.

## 1 Quadro histórico

Como é que Carolina Michaëlis pôde estar em contacto com tantas escolas, com tantos mestres, já falecidos uns, não acessíveis outros, devido à distância? Quando Carolina Michaëlis nasceu em Berlim, em 1851, Humboldt já estava morto, Bopp era velho, Diez estava no fim da carreira e Jacob Grimm havia publicado a *Gramática Alemã* há trinta anos. A França não estava no percurso de Carolina Michaëlis; não se sabe se Carolina Michaëlis visitou a França durante os seus anos de estudo em Berlim. Aliás, dos estudos pouco se sabe, apenas que, no prefácio, agradece ao seu estimado mestre Carl Goldbeck. Por outro lado, também pouco se sabe de *Goldbeck*. Goldbeck não deixou obra impressa. Como se estabeleceram, pois, os contactos?

Primeiro, transparecem nas citações do texto: Diez, Grimm, Bréal, Brachet, Adolfo Coelho. Depois, no *génio linguístico* que emana do texto: *Humboldt* e *Grimm*, claramente. De certo modo, o *génio* da língua é um ideal, responsável, com os Românticos, pela vida social da língua, estando, em geral, o romantismo linguístico (Humboldt e Grimm) muito próximo da integração dos valores sociais da língua, mais próximo do que nos decénios que se seguem.

Mais tarde, com Bopp e o *Comparatismo*, a linguística torna-se mais técnica, *Arte mecânica* de leis fónicas, de comparações entre formas, muitas vezes não localizadas historicamente e na sua evolução.<sup>4</sup> O que está no centro é só a comparação entre os ramos da árvore, as línguas da família. A exclusão da *vertente histórica* constitui o ponto fraco.

Claro que a jovem Carolina Michaëlis consultou a *Gramática das Línguas Românicas* de Diez (1836), a obra mais importante da época. Já a consulta de *Grimm* é menos evidente: trata de línguas germânicas, se Carolina Michaëlis se referir a ele, é mais por orientação metodológica ou teórica. O espírito de Humboldt sopra pela obra toda.

Quem é *Michel Bréal*, que viveu de 1832 a 1915? Todos conhecem a *Semântica* (1897), mas poucos sabem que Bréal foi discípulo de Bopp e tradutor da «*Grammaire Comparée des langues indo-européennes comprenant le sanscrit, le zend, &c.*», publicada em francês entre 1866 e 1874; Bréal tradutor, crítico e revisor do mestre. Depois da morte prematura do catedrático de sânscrito Eugène

---

4 Crítica de Bréal: «une séduction».

Burnouf (1852), Bréal deslocou-se a Berlim (1855) para estudar *Gramática Comparada* com Bopp e sânscrito com Weber. Em 1862, encarregado de dar aulas no *Collège de France*, será nomeado cátedrático de *Gramática Comparada* em 1864. Todos os anos, por ocasião da abertura do ano lectivo no *Collège de France*, o catedrático deu uma aula inaugural, ocasião para Bréal expor, de modo programático, as suas ideias. Assim, as lições inaugurais de 1866 e 1867 tornaram-se programáticas para o desenvolvimento ulterior da *Gramática Comparada* na sua globalidade. Tendo Bopp premeditadamente<sup>5</sup> deixado de lado a significação das palavras, para melhor fazer ressaltar o parentesco formal, Bréal, na lição de 1866, intitulada «De la forme et de la fonction des mots» fez frente ao doutrinário das puras comparações formais, criticando o seu mestre, mas sobretudo Schleicher, e diz:

[...] je voudrais essayer de montrer que l'histoire des formes du langage n'est que la moitié de la grammaire comparative, et que cette étude purement extérieure des mots doit toujours être éclairée et contrôlée par l'examen de la signification. En d'autres termes, la science du langage, si l'on ne veut pas qu'elle conduise à des résultats incomplets ou erronés, doit s'appliquer également à la forme et à la fonction des mots (Bréal 1866: 90).

Mais tarde, Antoine Meillet vai notar sobre a lição de 1867:

Dans sa leçon inaugurale de 1867 qui a le caractère d'un programme et que, pour cette raison, il a publiée, il marque avec force l'inconvénient de *comparaisons lointaines* quand les mots mis en présence n'ont pas été soumis d'abord à un examen minutieux, et il insiste sur le *remaniement* que chaque peuple fait subir à l'idiome qu'il reçoit en héritage (Meillet 1936: 213 — relevo nosso).

É este lado que fascina a jovem Carolina Michaëlis em Berlim, mais virada para as ideias de Humboldt e Grimm do que para a escola de Schleicher. Sendo, não obstante, Schleicher o mestre indiscutível da escola dos comparatistas na Alemanha, a leitura de Bréal deve ter sido a fonte que fez *mudar* Carolina Michaëlis *de rumo*. Ela não irá simplesmente adoptar as ideias de Bréal, mas sim, as irá desenvolver aplicando-as, em primeiro lugar, ao castelhano. Naquela época, quando todos os comparatistas se viram cegados pelas leis e regras formais e analogias sem excepções, a obra de Carolina Michaëlis, na pesquisa histórica, destaca claramente o lado semântico e a influência social.

---

5 Cf. Sternemann (1984: 12).

Enquanto, já nos anos 70, Carolina Michaëlis usa ideias de Bréal, a *Semântica* do mestre só aparece em 1897. Assim, Carolina Michaëlis é erudita e mulher de vanguarda em vários aspectos em comparação com a sua época.

## 2 As origens da obra

Os *Estudos sobre a formação de palavras* de Carolina Michaëlis foram publicados, em 1876, pela famosa editora *F.A. Brockhaus* em Leipzig. No prefácio, ela explica porque escolheu o mesmo título que a obra de *Federico Diez*, publicada em 1875. Já o título da obra salienta um aspecto particular: para ela, a passagem do latim para as línguas românicas não é *corrupção* (*Sprachverderb*). Não irá integrar o coro de lamentações dos sábios sobre a pobreza das línguas românicas, comparadas com o latim<sup>6</sup>. Admite que houve perdas, de clareza e simplicidade, mas houve também lucros. Assim, as línguas românicas têm um cabedal lexical maior do que a língua-mãe.

A palavra é um elemento tão maleável e volátil que sempre se está movimentando e modificando: ela não emerge duas vezes igual a si mesma das águas de sua vida. Cada homem, pensando e falando, usa-a num sentido ligeiramente modificado. Externamente igual a si mesma, numa e na mesma forma, deve pois apresentar um conteúdo cada vez diferente, já que a quantidade de palavras não pode satisfazer a quantidade maior de ideias.<sup>7</sup>

Eis a ideia de *εργον* e *ενεργεια* de *Humboldt*, adaptada pela autora. Agora, muito longe de se assustar com a pobreza das línguas românicas, o empenho dela é, tematizando a criação de palavras, provar a riqueza das línguas românicas.

---

6 Cf. Schleicher (1850: 11): Mais é possível seguir uma língua para trás, mais é possível encontrar a perfeição dela, no latim, p. ex., a riqueza de formas é maior do que nas línguas românicas de hoje. — «Je weiter zurück wir eine Sprache verfolgen können, desto vollkommener finden wir sie, das Latein z.B. ist reicher an Formen, als die jetzt lebenden romanischen Sprachen [...]».

7 «Das Wort ist ein so flüssiges, flüchtiges Element, dass es sich ewig bewegt und umgestaltet: nicht zwei Mal taucht es aus den Wassern seines Lebens als dasselbe hervor; jeder Mensch fasst es so oft er es denkt und spricht in etwas anderem Sinne. In ein und derselben Form, äusserlich unverändert, muss es also den stets anders gefassten Inhalt eines Begriffs zur Darstellung bringen, da die Menge der Worte für die grössere Menge der Gedanken nicht ausreicht» (1876: 3).

É uma avaliação positiva, sublinhando a ideia da evolução gradual das línguas, eliminando grau a grau os defeitos de que sofrem. Neste processo, o que interessa é apenas o modo de realizar isso e o grau de riqueza alcançado. Assim, a interpretação dos idiomas românicos como época autónoma pressupõe uma evolução, e não independente do passado, mas o resultado não é avaliado só em função de épocas anteriores. Nos tempos de Carolina Michaëlis, nem no passado nem no presente isso era visto de modo idêntico. Todavia, com ela, o valor autóctone do organismo das línguas secundárias tornou-se uma ideia básica.<sup>8</sup>

## 2.1 A evolução linguística vista como perfeição e enriquecimento

Carolina Michaëlis considera a evolução linguística um fenómeno positivo. O grande *Bopp* ainda teve uma posição que oscilava entre corrupção e avaliação neutra do processo evolutivo. A atitude de Jacob Grimm é muito ponderada. A corrupção da língua resulta da liberdade mental, de modo que a corrupção forma a contrapartida da ascensão mental da língua. Em 1851, ele escreve:

[que a língua fosse — Th.] [...] acumulada pela memória humana, e, depois, transferida e elaborada de geração em geração, com toda a mudança e toda a corrupção que teve de sofrer por obra do género humano.<sup>9</sup>

Na evolução da língua, para ele, já em 1819, as influências de corpo e espírito estão em perfeito equilíbrio:

O que quero dizer com queda corporal e ascensão espiritual da língua, não deve ser compreendido como vantagem ou desvantagem corporal ou espiritual que possam andar separadas mas só pretende exprimir o rumo de ambas. Pois nem a forma mais perfeita que podemos ver na história foi destituída do princípio espiritual nem a forma mais espiritual se poderá separar totalmente do corpo, ambas estão unidas, necessariamente, só que em graus diferentes.<sup>10</sup>

---

8 Hoje em dia, a gente fala em *sistema*, na época de Carolina Michaëlis, portanto, e já a partir do séc. XVIII, com de Sacy, Humboldt, Bopp e Grimm até Schleicher, dominou a metáfora biológica de *organismo*.

9 «[...] und dann von geschlecht zu geschlecht fortgepflanzt und ausgearbeitet worden sei, mit allem wechsel und aller verderbnis, die sie unter des menschen hand habe erfahren müssen» (Grimm 1851: 269).

10 Grimm (1819: XXVII/XXVIII).

Com *Schleicher* (1850), o processo evolutivo das línguas adquiriu claramente o sentido de *corrupção*.<sup>11</sup> A corrupção da língua segundo Schleicher, é mesmo um princípio filosófico, emprestado da doutrina de Hegel. Neste conjunto de ideias, a fase evolutiva da língua faz parte da fase pré-histórica, enquanto que a fase histórica, o período da obra da consciência do espírito, corresponde apenas à decadência das línguas.<sup>12</sup>

«A evolução das línguas pertence, pois, ao tempo pré-histórico, enquanto que a decadência delas é facto do tempo histórico».<sup>13</sup> A posição de Carolina Michaëlis, pelo contrário, está impregnada de optimismo no sentido do progresso das línguas, que, apesar de corresponderem a um volume sónico cada vez mais reduzido, se encontram em evolução orgânica contínua. Trata-se, para ela, de promoção mútua entre *razão* e *linguagem*. O observador atento, após o primeiro despertar da humanidade para a razão e a linguagem, pode ver como

[...] na influência mútua duma sobre a outra, elas vão amadurecendo, e a partir da mera compreensão, do apenas palpável sensorialmente, chegam a uma diferenciação e nomeação cada vez mais finas de objectos e ideias.<sup>14</sup>

As línguas românicas, comparadas com o latim, mostram um enriquecimento, um grau de perfeição desta forma dantes inexistente. Constatando a multiplicação do léxico nas línguas românicas, o alvo do trabalho de Carolina Michaëlis é descrever estes processos de enriquecimento. «Ele [o trabalho — Th.] é pois uma prova da defesa que os romanistas estão levantando contra a pobreza das línguas românicas» (Michaëlis 1876: 10). A autora está empenhada em esboçar as fontes da riqueza: *separação de raízes*, *derivação*, *empréstimo*. Enquanto a criação de palavras (*Wortschöpfung*) para Bopp é equivalente à *formação de palavras*, processo passivo a partir de meios disponíveis do organismo, com Carolina Michaëlis adquire um sentido mais

---

11 Cf. acima nota 6.

12 Cf. Beneš (1958: 94).

13 Schleicher (1850:13): «Die Bildung der Sprachen fällt also vor die Geschichte, der Verfall der Sprachen dagegen in die historische Zeit»; veja também Beneš (1958: 92 ssv.).

14 «[...] in wechselseitigem Wirken aufeinander beide allmählich reifen, und vom ersten Erfassen bloss der Extreme aller Beziehungen, des bloss sinnlich Greifbaren sich zu immer genauerm, feinerem Unterscheiden und Bezeichnen der Dinge und Gedanken hindurcharbeiten» (Michaëlis 1876: 4).

vasto e profundo, a saber, um sentido afim às ideias românticas sobre a linguagem. A língua é vista como *organismo*, organismo vivo que dispõe de forças, de *instintos*, como diz Carolina.

Vendo a estrutura da língua particular [...] poderia parecer que fosse uma vontade directriz e única, um plano concebido até ao detalhe que levou a um tal grau de harmonia dos elementos (1876: 11).

A criação de palavras é obra das forças inerentes ao organismo,<sup>15</sup> o que, em vários aspectos, faz lembrar o ideário dos românticos (von Humboldt). Domina, no fundo, a visão da evolução linguística como obra de um organismo dominado pelas suas forças inerentes, seus instintos,<sup>16</sup> forças quase biológicas. O organismo, graças a um *plano premeditado*, alcança a evolução das formas linguísticas num grau de perfeição. E todo o edifício linguístico será *iluminado* por essa perfeição como por uma luz (*wie von einem Lichte durchwaltet*) (Wilhelm von Humboldt).

O progresso linguístico, para Carolina Michaëlis depende de cinco áreas, forças motrizes da evolução.

## 2.2 As forças motrizes da mudança linguística

- 1º a redução das formas — assimilação e homonímia
- 2º a aspiração à clareza — dissimilação
- 3º a analogia — assimilação espiritual
- 4º a restrição da variedade — efeito orientador da língua escrita
- 5º a diferenciação — dissimilação espiritual.

Assim, Carolina Michaëlis consegue dominar a avalanche de fenómenos infinitos. Ela lamenta-se:

[...] quando se quer conhecer as razões particulares, tudo se desagrega em mínimas não correlacionadas, mudanças fónicas puramente mecânicas, sem finalidade mental[...].<sup>17</sup>

15 «jene geheimnisvoll bildenden Kräfte, die in ihr [der Sprache — Th.] tätig sind» (Michaëlis 1876: 5).

16 Al.: *Triebe*.

17 «[...] sucht man den Einzelursachen auf die Spur zu kommen, so löst sich alles in zusammenhanglose Minima auf, in Lautveränderungen rein mechanischer Art, ohne geistigen Zweck, [...]» (Michaëlis 1876: 11).

Graças a esses fios condutores, ela consegue estabelecer as linhas que o organismo segue na actividade infatigável do seu aperfeiçoamento.

No entanto, os anos sessenta do século XIX, na *Linguística Histórica Comparada* (*Historisch-Vergleichende Sprachwissenschaft*), estão dominados por uma corrente propagada por August Schleicher em Jena,<sup>18</sup> que se caracteriza, antes de mais, pela ideia de leis fónicas, determinadas biologicamente e sem excepção.

Agora, as mudanças fónicas e a aspiração à precisão e clareza, com Carolina Michaëlis para a nossa surpresa, mostram, desde o início, uma orientação diferente. Mostram a influência francesa, do séc. XVIII, e a de Bréal, discípulo de Bopp.<sup>19</sup> Se o *Essai de sémantique* de Bréal só aparece em 1897, a obra de Carolina Michaëlis já reflete claramente as influências de mudanças linguísticas sobre o significado das formas iniciais. Como na obra existem também referências a Bréal, deveríamos explicar os contactos com Bréal, a elaboração do ideário do mestre do *Collège de France*. Este, certamente, será um campo ainda a aprofundar noutra ocasião.

É interessante que Carolina Michaëlis faz contrastar dois instintos de cada vez, o dependente da forma e o dependente da noção, tratando igualmente relações íntimas e diferenças entre eles: por um lado a assimilação e a analogia, e, por outro lado, a dissimilação e a diferenciação.

Os fenómenos são contrastados sempre como mudanças formais e equivalentes semânticos. Vamos limitar-nos aos pontos 2, 5 e 3, isto é, à clareza, à diferenciação e à analogia.

### 2.2.1 Os instintos principais do organismo linguístico

A evolução linguística é caracterizada por *três instintos* (tendências).<sup>20</sup>

1º o instinto do *menor esforço*, uma tendência que se realiza primordialmente na pronúncia, assimilar, reduzir as formas fónicas, o que leva a partir de termos primitivamente diferentes à homonímia;

---

18 August Schleicher (1821-1868), discípulo de Diez em Bona; 1857 cátedra de *Línguas indo-germânicas* e *Gramática Comparada* em Jena.

19 Ao lado de Diez e Grimm.

20 Carolina Michaëlis: *Triebe*. Vejam-se as metáforas do biologismo.



- 2º o instinto de *clareza*, que vai dissimilar depois o que — pelo efeito da assimilação — convergiu e acabou confuso e o
- 3º instinto talvez mais importante, a tendência de *enriquecer a língua*. É da maior importância, porque assim aumentam não os bens populares, mas o contributo dos sábios e dos cultos da *Nação*.

No que respeita ao *enriquecimento popular*, ocorre por via de derivação ou de cisão de ideias. Houve dois períodos de mudanças naturais e inconscientes da língua. A terceira época, portanto, é diferente, já que se trata de *enriquecimento consciente* de acervo culto, aduzido intencionalmente e que tem que ser separado da *criação primitiva*, [...], que deve ser colocada antes do mesmo» (Michaëlis 1876: 91). Ainda que às vezes o segundo período coincida com o terceiro, objectivamente deve ser separado dele. Para Carolina Michaëlis, o enriquecimento natural tem prioridade sobre o artificial.

Em relação ao artificial, constata que esta obra nenhures se completou com maior fineza e empenho do que em França. Comparando o trabalho da língua com aquele dos jardins franceses, escreve:

*Não existe jardim linguístico* tão rigorosamente ordenado, com simetria, como o francês, trabalhado com perfeição estilística, ainda nos seus recantos mais obscuros.<sup>21</sup>

O que, certamente, é correcto. Mas Carolina Michaëlis vê também o trabalho no jardim linguístico de Castela.

Desenha um retrato bastante moderno do *refinamento da língua*, quando compara o *estado natural da língua* e a *formação da variedade culta*. Tudo isso, hoje em dia, são lugares comuns, mas não na época de Carolina Michaëlis, nos anos 70 do século XIX, período culminante das *leis fónicas sem excepções*, de domínio de *Mainstream linguistics* baseado no *Compendium* de Schleicher e dos seus adeptos. Comenta mais tarde Antoine Meillet:

Vers les années avant 1870 et surtout les deux décades suivantes, on s'est attaché en Allemagne à expliquer tout le mécanisme phonique et grammatical de la langue, et à mettre dans l'explication une *rigueur absolue*. La grammaire comparée s'est ainsi hérissée de <lois phonétiques>, et de <formules analogique> (Meillet 1936: 218; relevo nosso).

21 Michaëlis (1876: 91 — relevo nosso): «Einen schärfer symmetrisch geordneten und in jedem dunkelsten Winkel noch vollendet stilvoll ausgearbeiteten Sprachgarten als den französischen gibt es nicht».

Carolina Michaëlis, por sua vez, integra-se mais numa linha de avaliação histórica e social dos factos linguísticos, localizando as formas num quadro histórico e numa perspectiva de evolução. Este comportamento corresponde antes às ideias de Diez e, sobretudo, às de Bréal. A diferenciação das formas divergentes não tem nada em comum com a doutrina da escola de Schleicher, mas é antes uma homenagem aos progressos conseguidos em França. Carolina Michaëlis já conhece vários trabalhos sobre *doublés* (Auguste Brachet, Adolfo Coelho) e, numa análise muito crítica de Brachet, quer chegar a novos resultados. Prova disso são as longas listas de *formas divergentes* no fim do volume.

### 3 O efeito da analogia

Carolina Michaëlis contrapõe os fenómenos de *assimilação* como força reductriz da forma à *dissimilação* e à *analogia*. Enquanto o efeito da *assimilação* é só a adaptação formal, a *analogia* dispõe de vertente espiritual e se diz *assimilação espiritual*,<sup>22</sup> reunindo aspectos formais e de conteúdo. Como boa dona de casa Carolina Michaëlis admira o agradável sentido de ordem da língua (Michaëlis 1876: 29), a tendência da língua para as regras. Com tal admiração pela analogia, ela se encontra diametralmente oposta à escola de Schleicher. Para Schleicher, a analogia é uma das razões principais da corrupção da língua:

A variedade das formas mais antigas vai desaparecendo devido à proliferação de formas singulares, à analogia, um dos fenómenos principais no processo de corrupção das línguas.<sup>23</sup>

Até que ponto admira os efeitos de analogia, mostra-se quando destaca a grande simplicidade e as regras rigorosas do castelhano para alcançar uma lógica sem excepções.<sup>24</sup> Tal facto, para Michaëlis, é um

---

22 Al: *vergeistigte Assimilation*.

23 Schleicher (1850: 18): «Die Mannigfaltigkeit der älteren Formen verschwindet durch das Ueberhandnehmen einzelner Formen, welche die anderen verdrängen durch Analogie, eine der HAUPTerscheinungen im Verlaufe des Sprachverfalls (...).»

24 «Die neue spanische Sprache, die sich vor allen romanischen Sprachen durch ihre große Einfachheit und strenge Gesetzmäßigkeit auszeichnet, – wie z.B. ihre einfache phonetische Orthographie beweist, an der wenige Striche getan werden

grande lucro, já que quer provar isso por via de vários processos: por um lado, a atribuição de novas funções no caso de formas passadas fora do uso e, por outro lado, a passagem de formas auto-semânticas a *morfemas* de derivação, p.ex. sufixos vagos e abstractos. Ou a redução semântica<sup>25</sup> de termos que se juntam a substantivos, sem provocar uma mudança semântica visível, combinando-se com determinadas áreas nocionais (Michaëlis 1876: 34).

A língua escrita intervem como factor ordenador, se, pelo efeito de leis fónicas, o organismo está ameaçado de confusão ou seja défices semânticos. Devem existir proporções convenientes na formação de palavras. Detrás do termo de *proporção* já se encontra o de *analogia*, sendo a ideia a de um organismo linguístico bem constituído, com tendência icónica. Entidades semânticas comparáveis têm de dispor também de forma comparável.

Primeiro, Carolina Michaëlis trata a diferenciação de participios bissilábicos do *supino*, em latim em *-sus* e *-tus*, em castelhano em *-so* respectivamente *-to*. Compara-as com as formas regulares em *-ado*, *-ido*, *-udo*. Fixa a atenção do leitor sobre a diferenciação funcional e semântica destas formas em castelhano:

Esta língua espanhola respeitosa da lei, também via na existência de participios fracos e fortes uma riqueza inútil que seria bom abandonar. Ela tirou aos supinos fortes a força participial, também porque eles pareciam demasiado curtos, gastos, carecendo de qualquer característica comum segura para servir funções tão importantes como as verbais: continuam como adjectivos, alguns também como substantivos.<sup>26</sup>

Exemplos disso são: coctum, doctum, ductum, rectum, tactum, textum.

Segundo, trata da graduação entre palavras auto-semânticas e sin-semânticas, palavras relacionais,<sup>27</sup> já descritas por Humboldt e tratadas, de novo, por Diez e outros. Aqui, Carolina Michaëlis insiste na

brauchten, um sie zur ausnahmefreien Logik zu erheben; [...]» (Michaëlis 1876: 28-29).

25 Al.: *Abstufung*.

26 «[...] diese gesetzestreue spanische Sprache sah auch in der Existenz schwacher und starker Partizipien einen nutzlosen Reichtum, den es gut schien aufzugeben. Sie nahm also den starken Supinis ihre Participialkraft, wohl auch darum weil sie ihr zu kurz, zu abgenutzt, zu sehr jedes sicheren gemeinsamen Merkmales beraubt dächten um so wichtige Functionen wie die verbalen zu verrichten: als Adjectiva leben sie weiter, einige auch als Substantiva» (Michaëlis 1876: 29).

27 Al.: *Beziehungswörter*, fr.: *mots-outils*.

concorrência entre componentes denotativas e conotativas, declarando com respeito ao sufixo *-udo*:

A função dele foi exprimir que o respectivo substantivo tem uma qual-quer abnormidade; sobretudo indica, de maneira enfática, crítica ou satírica, a extensão exagerada e desproporcionada de partes do corpo, em caso de substantivos abstractos a intensidade.<sup>28</sup>

Exemplos: *Aufgeblasenheit, Laune, Trübsinn, Phlegma, Zorn, Ahnenstolz, Eigensinn*, exemplos portugueses: *barrigudo, sisudo*, também *faminguto / faminto* (Diez 1838, II: 557).

Terceiro, trata de sufixos, em concorrência com formas semelhantes, sufixos descoloridos sem significado certo, acompanhando raízes por motivos eufônicos. Acontece com o lat. *-anus* reduzido a *-ano*, ao lado de palavras herdadas do latim — *huérfano, plátano e rábano* — se encontram neologismos como *pifano, tângano* (de *tango*) e *trástano* (de *traste*) (Michaëlis 1876: 30-31). Aqui, a analogia vai enriquecendo o sistema, sem, por ora, enriquecimento semântico do lexema.

### 3.1 Organismo linguístico e biologismo de Schleicher

Todo esse grupo de *analogia, assimilação, dissimilação*, no fundo, está dominado por uma ideia central de Carolina Michaëlis, *em vogue* na linguística germânica da época, isto é, a ideia do *organismo linguístico*. Na base disso estão as doutrinas de Darwin e Ernst Haeckel sobre as leis de evolução da natureza. Segundo as mesmas, a linguística também se torna ciência natural, evoluindo conforme leis da natureza e não da sociedade. A ideia de organismo linguístico domina a linguística de *Humboldt*, passando por *Grimm*, a *Brugmann* e *Delbrück*, o ápice da tendência sendo a obra de Schleicher que exagera a parte da lei natural para negar as influências da razão e da vida social sobre a língua:

28 «Sein Amt wurde es auszusagen, dass diesem Substantiv irgend eine Abnormität anhaftet; besonders deutet es emphatisch, tadelnd, oder verspottend die über-grosse, unproportionierte Ausdehnung der einzelnen Körperteile, an Abstractis ihre Intensität an» (Michaëlis 1876: 30-31).

As línguas são organismos naturais, em conformidade com determinadas leis e fora do âmbito da vontade humana, crescendo, desenvolvendo-se, envelhecendo e morrendo.<sup>29</sup>

Ora, *organismos* têm partes superiores e inferiores e a parte só funciona em virtude do corpo inteiro. Assim, as ideias de organismo influenciadas pelo biologismo de Darwin e Ernst Haeckel, abrangem também uma vertente funcionalista. Além disso, com Carolina Michaëlis, o organismo tem instintos<sup>30</sup>. Assim, a língua também obedece aos seus instintos.

### 3.2 Analogia — fonte de riqueza

Neste *contexto funcional*, a *assimilação* e a *dissimilação* que apenas têm influência sobre a forma, constituem a parte inferior que, depois de combinados forma e sentido, terá acesso à categoria superior, à *analogia*.

A analogia, na língua, é *factor de ordem superior*, mesmo factor de ordem social quando «no interesse da maioria, faz aderir as excepções» (Michaëlis 1876: 33). Simultaneamente, se revela factor de ordem ao *nível do som*, considerada *facto de eufonia*. O resultado deve ser que as formas semânticamente parentes possam soar uniformemente. Daí que a *analogia* seja considerada instinto muito poderoso, e isso mesmo discutindo a *riqueza* vs. *pobreza* da língua. Esta discussão é uma preocupação dos Franceses que, por zelo purístico, eliminaram uma quantidade de elementos, de modo que, no fim, a língua se tornou *gueuse*, como disse Voltaire. Mas, em França, há também a tendência de avaliar a selecção, a saber, o enriquecimento qualitativo da língua. Carolina Michaëlis adere a essa orientação. Mesmo com o desaparecimento, por efeito da analogia, da rica variedade do idioma e dos dialetos — que se podiam considerar riqueza e que ela conhece detalhadamente — tal selecção não conduz à pobreza, antes pelo contrário, mostra a perfeição do organismo. Tais selecções levam a formas estáveis e firmes que, para a língua, constituem os moldes de derivações em cadeias. A língua, assim, se vai criando numa nova riqueza qualitativa, não desordenada e

---

29 «Die Sprachen sind Naturorganismen, die, ohne vom Willen des Menschen bestimmbar zu sein, entstunden, nach bestimmten Gesetzen wuchsen und sich entwickelten und wiederum altern und absterben» (Schleicher 1873: 6).

30 Al.: *Triebe*.

tativa, não desordenada e variadíssima, mas, sim, governada por princípios e lealdade às regras,<sup>31</sup> fonte de verdadeiro brilho da língua.

## 4 Enriquecimento do léxico

### 4.1 Etimologias populares

As etimologias populares são uma das preocupações do século XIX e, também, assunto preferido para captar o interesse dos estudiosos. Carolina Michaëlis baseia-se em Diez que diz, no vol. I da *Gramática*: «Não é raro que uma palavra incompreensível em seus constituintes seja interpretada por via de troca parcial ou de tradução, um meio conveniente para familiarizar os estrangeiros», dando exemplos: sacristan > *sanchristão*; centifólio (centifolium) > *santafolia*, vocalmente > *boccamente*, melancolia > *malincolia*, tirados de Adolfo Coelho (1874: 109 ssv.); a figura de *xadrez* que será *fierce* em espanhol, seg. Meyer-Lübke (REW) de árab / pers. *ferza* (rainha) — *alferza* (jogo de xadrez), acaba *vierge* em francês (Michaëlis 1876: 103-104). Assim, as etimologias populares participam na nacionalização do léxico, transformando empréstimos desmotivados em formas aparentemente motivadas.

### 4.2 Ramificação de raízes germânicas

O *instinto enriquecedor* das línguas ibero-românicas encontra-se também documentado no empréstimo de raízes germânicas.

Não só as ortografias e gramáticas mais antigas do português, mas também a *Linguística Comparada* dos tempos modernos costumam salientar a grande influência das línguas germânicas na evolução dos idiomas peninsulares. O último, entretanto, num aspecto duplo: por um lado empréstimo de raízes e nomes germânicos e, por outro lado, empréstimo parcial de derivações germânicas, de modo que, no fundo, as palavras germânicas continuam estrangeirismos nas línguas neo-latinas, porque formadas conforme o sistema e os moldes dessas línguas. Carolina Michaëlis destaca isso do modo seguinte:

---

31 Al.: *Gesetzmäßigkeit*.

Só os conquistadores germânicos aportaram aos romanos *raízes ou formas*, de algum modo em estado não formado e, pois, abertas à formação e à multiplicação nas línguas neo-latinas.<sup>32</sup>

Em muitos casos integraram só a raiz, inteligível graças ao acento germânico, parte mais importante, portadora do sentido. A título de exemplo, Carolina Michaëlis trata a raiz indogermânica *grb* (Michaëlis 1876: 51), equivalente em alemão de *greifen* ou *graben*,<sup>33</sup> que na Península produz uma série de formações catalãs, portuguesas e castelhanas, entre outros: *grifa* (al. Kralle), com *grifar* (al. kritzeln), *garfo* (al. Gabel), *engarapar*, *engarampar*, *engaramponar* de *garrampa*, mais *carampão*, *crampão*, *empréstimos* do francês: *crampon* (al. Klette), *crampe*, em português ao lado de *gancho*. *Carrapato* em *encarrapitar*, *carapeta*, *carapinha*, *carapita* (al. Zecke),<sup>34</sup> no total, uma longa série de ramificações da raiz primitiva *grb*. Essa raiz tem laços em alemão com os termos: *Haken*, *Anker*, *Harpune*, *Kralle*, *Klaue*, *Nagel*, *Krampe*, *Klammer*, *Krampf*, *Klette*, *Netz*, *Schlinge*, *Fallstrick*, *Zickzacklauf des Krebses*, *kritzliche Handschrift*, *Gesichtsverzerrung*, *etwas von Kälte oder Alter Gekrümmtes*, *jede krause Speise*, depois alargado a *Krebs*, *Krabbe*, *Kröte*, *Schildkröte*, *Filzlaus*, *Dieb*, *Gauner*, *Hänscher* (Michaëlis 1876: 54).

### 4.3 Enriquecimento por relatinização

Carolina Michaëlis trata também o processo de *relatinização* das línguas românicas, insistindo sobre o facto de que, a poetas e sábios, o idioma disponível deveria parecer pobre, insuficiente e mal jeitoso para a poesia e as ciências (Michaëlis 1876: 92). No entanto, a atitude de Carolina Michaëlis é bastante elitista quando diz qual *brutas e impolidas* deviam aparecer ao sábio as palavras que saiam da *boca do povo inculto* (Michaëlis 1876: 92). Depois, acaba caracterizando o empenho dos sábios que necessitaram de locuções novas e mais finas para «vestirem» as suas obras. Carolina Michaëlis retoma uma ideia que já se encontra em Bluteau, a saber, que a matéria da língua parece

32 «Wurzeln oder Stämme, die gleichsam noch im ungeformten Zustand, also der Bildung und Vervielfältigung noch fähig waren, führten nur die germanischen Eroberer den Romanen zu» (Michaëlis 1876: 50).

33 Com grande êxito na linguística comparada, servindo também de exemplo a *Grimm* e *Schleicher*.

34 Homem que se agarra.

ao sábio planta selvagem, crescida em liberdade, mesmo *zizania*. Daí que a matéria se deva eliminar do *jardim das poesias* para ser substituída, de preferência, por planta estrangeira. Eis o problema do *empréstimo* e do *calque*. A língua poética não pode usar os meios de enxerto e de enriquecimento da língua popular. Isso conduziria à vilania e à desfiguração do ideal clássico. Não pode usar os termos vulgares e os seus sinónimos para poetizar o conteúdo, deve-se forjar termos originais, novos e raros.

Além disso, a língua se transformando lenta e organicamente, o processo, às vezes, ficando inacabado e, nas palavras de Carolina Michaëlis, não dando nem flor nem fruto, as necessidades do poeta não sofrem adiamento. O poeta necessita de novos termos e ideias, ideias já feitas e disponíveis, depois transplantadas às nações bárbaras. A transferência ocorre do mesmo modo como sempre costumou ocorrer quando houve migração de ideias e inovação de uma terra para a outra: a cultura doadora de ideias e de inovações torna-se também doadora de nomes. Assim, para a Itália e a Espanha, o exemplo a imitar foi a época antiga greco-românica, fonte do ideal de vida e fonte, igualmente, de elementos imitáveis para enriquecer o tesouro da língua.

#### 4.4 As formas divergentes (*Scheideformen*)

##### 4.4.1 Carolina Michaëlis e Brachet

Um dos aspectos mais salientes na obra de Carolina Michaëlis, são as formas divergentes<sup>35</sup> respectivamente as formas duplas<sup>36</sup> (Michaëlis 1876: 84 ssv). Obra de maior interesse para ela, neste contexto, é o *Dictionnaire de doublets* de Auguste Brachet (1844-1898) bastante novo no mercado, com o alvo de diferenciar semânticamente formas aparentadas do francês. Carolina Michaëlis, por sua parte, no primeiro período do seu trabalho e de maneira crítica, vai aplicar o fundo de ideias de *Brachet* ao castelhano, comparando, antes de tudo, raízes e sufixos deste idioma (Michaëlis 1876: 84-90). Para o português, mais tarde, usa as *Questões da Língua Portuguesa* de Adolfo Coelho (1847-1919) publicadas em 1874.

---

35 Al.: *Scheideformen*.

36 Al.: *Doppelformen*.



#### 4.4.2 As formas divergentes (*Scheideformen*)

A ideia básica das *Scheideformen* é que, devido à corrupção e à variação formal, a língua dispõe de formas duplas, oriundas da mesma raiz, respectivamente dispõe de sufixos divergentes, também oriundos da mesma base, de formas cultas e populares, em competição na língua. As *Scheideformen* definem-se do seguinte modo:

[...] vou empregar o termo de *forma divergente* só em casos em que são derivadas, de termo originalmente simples, duas ou mais noções, enquanto que no caso de duas ou mais palavras derivadas de uma forma primitiva, vou falar de *formas duplas*.<sup>37</sup>

Tudo isso tem uma vertente prática, exemplificada depois, de preferência, no castelhano, e uma dimensão interpretativa de história da língua. Carolina Michaëlis, desta vez, seguindo Diez (1836-1844, II), compara a evolução de sufixos latinos, tal como *-aculus* a *ajo*, *-allo*, *-agro*, *-aculo*, respectivamente *-ationem* a: *-azon*, *-ason*, *-ación*, constatando todavia que:

[...] mesmo que cada sufixo apareça em mais do que uma forma, não ficou em cada uma delas significado especial.<sup>38</sup>

Pois, devem ser consideradas *formas duplas*. Contudo, o alvo final consiste em detectar o maior número possível de *formas* com significados divergentes, de *formas divergentes* (*Scheideformen*).

#### 4.4.3 Formas divergentes e evolução linguística

As *formas divergentes* tornam-se o *problema central* do volume. De trás do termo *Scheideformen* desenha-se um quadro de estratificação por várias vertentes de existência da língua: cronologia de empréstimo, tratamento da forma primitiva, integração social da forma. Graças à obra de Brachet Carolina Michaëlis conhece o tratamento dos *doublets* em França. Mais tarde lê a obra de Adolfo Coelho que recolhe

37 «Ich verwende nämlich den Namen *Scheideform* ausschliesslich da wo zwei oder mehr Begriffe, d.h. zwei Worte, aus einer Grundform, notwendig also auch aus *einem*, ursprünglich einfachen Begriffe abzuleiten sind; wo hingegen für *einen* Begriff zwei oder mehr ebenfalls aus einer Grundform abzuleitende Worte vorhanden sind, nenne ich sie *Doppelformen*» (Michaëlis 1876: 84 -85).

38 «[...] ob jedes Suffix in mehr als einer Gestalt erscheinen kann, es hat sich nicht an jede derselben eine bestimmte Bedeutungsprägung angesetzt» (Michaëlis 1876: 84).

282 *formas divergentes* em português, todas derivadas, duas ou mesmo três vezes, do mesmo étimo latim. Carolina propõe-se juntar mais 305 casos de *formas divergentes*. Mas isso não é o quadro inteiro.

#### 4.4.4 Palavra na boca do povo e palavra culta

O maior problema consiste em diferenciar entre a *palavra culta* (mot savant) e a palavra popular. Está claro para ela que todos os empréstimos a partir do século XVI, do período de *relatinização*, pertencem à categoria de *palavra culta*.

Carolina Michaëlis, na sua obra, já apresenta uma teoria diferenciada da vida das palavras do «povo inculto / idiota» e aquelas que têm mais prestígio, estando ancoradas, seja na Igreja, seja na língua escrita.

A palavra introduzida pelo poeta (camada culta) nem sempre, como diz Carolina Michaëlis, chegou a uso geral.<sup>39</sup> Em contrapartida, o eliminado pelo poeta por carecer de nobreza, nem sempre morreu. Guardador de tradições, o povo trata o antigo com veneração. Com ele as palavras eliminadas sobreviveram para, em épocas mais propícias, reaparecerem, mesmo na língua escrita.<sup>40</sup> Outras palavras ficaram para sempre «propriedade do povo».<sup>41</sup> Carolina Michaëlis, depois, se torna mais concreta:

Muita palavra antiga e popular espanhola, desaparecida no período de ouro da literatura para dar lugar a substituintes latinizantes e que por isso não vamos encontrar em obras escritas modernas, vamos encontrar, por feliz acaso, na boca de operários ou camponeses, ou, o que diz o mesmo, em vocabulários especiais técnicos, breve, vamos encontrá-la na boca do povo, ou também como topónimo ou apelido, às vezes talvez com sentido modificado, mas de tal modo para sempre lembrando a sua origem.<sup>42</sup>

39 Muitos elementos lexicais que nunca chegaram ao povo.

40 Cf. Michaëlis 1876: 153.

41 *Ibid.*

42 «Manches altspanische volkstümliche Wort, das in der Blüte der Litteratur verschwand, latinisirenden Stellvertretern den Platz räumend, und dem wir daher in modernen Schriftwerken nicht begegnen, finden wir durch einen glücklichen Zufall einmal unvermutet im Munde eines Handwerkers oder Bauern, oder was dasselbe sagen will in technischen Speciallexicis, kurz wir finden es im Volksmunde wieder, oder auch als Orts- oder Familienname, vielleicht manchmal in etwas verändertem Sinne, jedoch so, dass es auch noch durch ihn an seine Abkunft erinnert» (Michaëlis 1876: 153).

Este é o convívio, na língua, de dois termos: o primeiro no vulgar; e o outro na língua escrita. Tal diferença não é nova e já se encontra em Friedrich Diez, mais tarde em Bréal e Brachet. O que é novo, pelo contrário, é a visão moderna, quase socio-linguística de Carolina Michaëlis.

Interessantes também são as terminologias de *conquista*, *poder*, *guerra* e *família* na obra de Carolina Michaëlis. Talvez influenciadas pelo biologismo de Darwin, talvez pelo nacionalismo alemão após a vitória sobre a França (1871), e a visão do termo novo como *intruso* que terá de se *aculturar*, *familiarizar* para não molestar a *paz social* e o *equilíbrio* do organismo linguístico.

Os exemplos de *culto* vs. *popular* dados do castelhano são muitas vezes válidos também para o português, entre outros: *fábrica* vs. *fragua* e *frábica*; *título* vs. *tilde*, *sólido* vs. *sueldo* / *soldo* (Michaëlis 1876: 155).

Acrescenta não ser raro que as palavras antigas têm a tendência de estender o seu significado.<sup>43</sup> Isto é o caso de *feitiço* (Zauber) de lat. *facticio* (artificial); ou *polir*, ptg. também: *boir*, *poir*, *puir*; cf. «**Puir**. Gastar, polir por meio de atrito» (Vieira 1873, IV: 1021).

#### 4.4.5 A palavra eclesiástica

As palavras eclesiásticas mostram, já no período anterior, diferenças no tratamento pelo povo e pela Igreja: veja-se a diferença entre *clérigo* e *crego* (em cast.) (Michaëlis 1876: 226) respectivamente *crelgo* (em ptg.)<sup>44</sup> ou de *cátedra* vs. *cadeira*. Nestes casos, Carolina Michaëlis está antes indecisa se classificar estes termos como *mots savants* ou *palavras populares*. Constatando que a situação na *Península* é mais difícil que em França, desiste de categorizá-los num terceiro grupo, integrando *clérigo* e *cátedra* no grupo *palavras cultas*.

O que, na época da redacção do texto, é talvez mais importante o grande empenho de Carolina Michaëlis para periodizar os dados linguísticos. Nesta altura, tal consciência não era nada usual na Alemanha entre os adeptos da *Linguística Comparada*, reino das leis fônicas rígidas e imutáveis de Schleicher.

43 Al.: *Bedeutungserweiterung*.

44 Monte Carmelo (1767: 566), cf. também em Vieira (1873, vol. 2: 627): «**Créligo**. Antiga forma de **Clerigo**, e ainda hoje usada pelo povo».

#### 4.5 Avaliação das formas divergentes

As pesquisas de Carolina Michaëlis, são, sobretudo, pesquisas sobre as formas que encontrou no estudo filológico do espanhol.

O que, como resultado, fica salientado são as divergências entre *formas cultas* e *formas populares* (Michaëlis 1876: 221 ssv.). No entanto, nem tudo é claro nas diferenças entre *formas cultas* e *formas populares*. Há variantes mais recentes e formas cultas já antigas.

Muitas vezes trata-se simplesmente mais de variações de *carácter dialectal* do que de diferenças semânticas das *Scheideformen*. Assim, Carolina Michaëlis está a levar luz ao *jungle* variacional apresentado pelo castelhano, mas o desenvolvimento da ciência ainda não está a ponto de poder localizar, com segurança, as ocorrências de formas dentro duma rede de vertentes dialectais e socio-dialectais, mais uma vertente cronológica da evolução e sequência histórica das formas. Por ora, as listas de Carolina Michaëlis dão uma fiel imagem da ciência nos anos 70 do séc. XIX, ficando, portanto, o linguista de hoje com grandes dúvidas a respeito da firmeza do edifício construído.

#### 4.6 Formas divergentes e formas variacionais

Quanto aos exemplos concretos de *formas divergentes* ou *duplas* na obra de Carolina Michaëlis só é possível tocar o problema, dada a riqueza dos materiais. Pode-se constatar que ela muitas vezes trata as *mudanças* ou *confusões fónicas* da mesma maneira que a linguística predominante na época.

Trata-se de verdadeiras *formas divergentes* no caso de: *medalla* vs. *meaja* (Michaëlis 1876: 234), em ptg. *medalha* vs. *mealha*, pequena moeda, e não medalha, além disso, *homónimo*, redução de *migalha* (Aurélio).<sup>45</sup> Formas de significado divergente seriam também *legal* e *leal* correspondentes a *lei* vs. *fielidade* (1876: 234). O mesmo acontece com *âncora* / *âncora* (instrumento) — *angra* (pequena baía), respectivamente *ancla* (cast.) (Michaëlis 1876: 280). Pelo contrário a diferença entre *fidelidade* vs. *fielidade* é mais diferença entre *forma culta* e *forma historicamente desenvolvida*.

---

45 Expressão da tendência 1 (*força motriz*) de Carolina Michaëlis: *assimilação / redução das formas* produz obscuridade, confusão e ambiguidade.

Casos como o cast. *navaja* vs. *navalla* não parecem formas divergentes, já que não apresentam diferença semântica, *navalla* sendo forma leonesa, recolhida provavelmente em documentos numa época de transição entre o leonês e o castelhano. O mesmo vale para *tajar* vs. *tallar*, *talear* (ptg. *talhar*), as últimas todas formas de áreas que não desenvolveram -gli- > j[χ], mas passaram à fonia [λ] notada de várias grafias.

Um terceiro grupo são as formas *simplesmente falsas*, por influência da *fala popular* (gente não alfabetizada) que desconhece a escrita: tal a confusão entre *mandíbula* e *bandíbula* onde a *bilabial* nasal é substituída pela *bilabial oral*. Isso leva a variantes, mas não a significados diferentes. Várias mudanças e variações são comuns às grandes línguas da *Península* e não se limitam unicamente ao castelhano. Carolina Michaëlis cita exemplos castelhanos de confusão de [m] e [b]: *bambo* a *mambo* ou *mengala* a *bengala*, *bandíbula* em vez de *mandíbula* (Michaëlis 1876: 234-235). Tais confusões ocorrem também na boca do povo português: *bonifrâte*<sup>46</sup> a *monifrâte* (Monte Carmelo 1767: 642). Aqui, a razão é simplesmente o *parentesco de pronúncia* ou *produção* dos bilabiais [b] vs. [m].

Outro fenómeno interessantíssimo, discutido no livro de Carolina Michaëlis, são as confusões de [d], [l] e [r], fenómeno comum e conhecido em todas as línguas ibero-românicas. Carolina Michaëlis, neste contexto, cita *Diez*, *Ascoli*, *Kuhn* e *Schuchardt*, autoridades da sua época, e mostra exemplos como *lampada* em vez de *lâmpara*, em cast. *panadiço* de *panaricium*, *sequedal* (campo seco) ou *sequadal* ao lado de *sequiral*; em ptg. nota fenómenos comparáveis com *martídio* em vez de *martírio*. Duvidoso é o termo *monipódio* de *monopolium*, caso não tão claro, existindo, ao lado de *monopólio* em ptg. também *monopódio* do grego *monopódium*, notado em Vieira (1873, IV: 304): «†**Monopodio** — S.m. Termo de antiguidade. Mesa de um só pé». Sempre de grande relevo foi a *vocalização de consoantes*, entre outros /k/, /l/, /p/ a /i/ ou /u/. Os exemplos espanhois de *baptizare* - *bautizar* valem também para o ptg. *bautizar*, notado em Monte Bluteau,<sup>47</sup> *aus-tinencia* em vez de *abstinencia*, *obstinada* > *austinada* (Monte Carme-

46 Al.: Hampelmann.

47 (1712: vol. 2: 71), cf. também «BAUTISMO s.f. ant. **Baptismo** e seus derivados» (Vieira 1871, vol. 1: 744).

lo1767: 532); acto > auto; ptg. *auto-da-fé*; &c (Michaëlis 1876: 239).<sup>48</sup>

## 5 Conclusão

Os *Estudos sobre a formação de palavras nas línguas românicas* de Carolina Michaëlis continuam, ainda hoje em dia, obra de maior interesse, e isso por dois motivos: *os estudos* dão uma imagem das ideias linguísticas de Carolina Michaëlis antes da sua ida a Portugal. Eles mostram uma Carolina Michaëlis pouco dependente dos rumos principais da *Linguística Comparada* da época, antes mais virada às ideias do Romantismo alemão ou da emergente escola social em França. Além disso, é uma obra muito preciosa para o estudo da história da linguística do século XIX e para se detectarem os laços entre os grandes mestres, centros e escolas de Berlim, Paris, Bona e Coimbra, que mais tarde e até à sua morte, se tornará a *pátria científica* de Carolina Michaëlis. Está claro que o presente trabalho só corresponde a uma abordagem inicial para conhecer melhor a paisagem científica da linguística do século XIX, mas se já fôr um estímulo para continuar no caminho e para conhecer melhor o lugar e a participação de Carolina Michaëlis, embaixadora nunca cansada da cultura e da ciência da Prússia em Portugal e em Coimbra, então o alvo do trabalho estará plenamente alcançado.

## Bibliografia

- Beneš, Birgit (1958): *Wilhelm von Humboldt, Jacob Grimm, August Schleichner – Ein Vergleich der Sprachauffassungen*, Winterthur: Keller.
- Bluteau, P<sup>e</sup> Rafael (1712-1728): *Vocabulário Portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico [...]* autorizado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes a latinos, [...], Coimbra: Companhia de Jesu.
- Bopp, Franz (1857): *Vergleichende Grammatik des Sanskrit, Send, Armenischen, Griechischen, Lateinischen, Litauischen, Altslavischen, Gothischen und Deutschen*, Berlin: Dümmler.
- Bopp, François (1866-1874): *La grammaire comparée des langues indo-européennes comprenant le sanscrit, le zend, l'arménien, le grec, le latin, le lithuanien, l'ancien slave, le gothique et l'allemand: Trad. sur la 2. éd. et préc. d'une introduction par Michel Bréal*, Paris: Imprimerie impériale.

---

48 Cf. Thielemann (1999: 97).

- Brachet, Auguste (1868): *Dictionnaire des doublets: Ou doubles formes de la langue française*, Paris: Franck (Collection philologique; Fasc. 2.)
- Brachet, Auguste (<sup>20</sup>1868): *Dictionnaire étymologique de la langue française. Préf. par E. Egger*, Paris: Hetzel.
- Brachet, Auguste (<sup>12</sup>1872): *Grammaire historique de la langue française: Avec une préf. par E. Littré*, Paris: Hetzel.
- Bréal, Michel (1861): «De la Méthode comparée appliquée à l'étude des langues», em: Bréal 1877, pp. 217-241.
- Bréal, Michel (1866): «De la forme et de la fonction des mots», em: *Revue des Cours littéraires de la France et de l'Étranger* 4.5, pp. 90-96.
- Bréal, Michel (1867): «Les progrès de la Grammaire comparée», em: Bréal 1877, pp. 267-294.
- Bréal, Michel (1877): *Mélanges de mythologie et de linguistique*, Paris: Hachette.
- Busse, Winfried (1988): «Eine Berliner Romanistin in Portugal: Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925)», em: Trabant, Jürgen (ed.) (1988), *Beiträge zur Geschichte der Romanischen Philologie in Berlin*, Berlin: Colloquium, pp. 45-56.
- Coelho Adolfo (1874): *Questões da língua portuguesa*, Porto: Chardron.
- Desmet, Pierre / Swiggers, Pierre (eds.) (1995): *De la grammaire comparée à la sémantique. Textes de Michel Bréal entre 1864-1898*, Leuven / Paris: Peeters.
- Diez, Friedrich (1836-1844): *Grammatik der Romanischen Sprachen*, 3 Teile. Bonn: Eduard Weber's Verlag.
- Diez, Friedrich (1875): *Romanische Wortschöpfung*, Bonn: Eduard Weber's Verlag.
- Grimm, Jacob (1819): *Deutsche Grammatik, Bd. 1*, Göttingen: Dieterichsche Buchhandlung.
- Grimm, Jacob (1992 [1851]): «Über den Ursprung der Sprache». Gelesen in der Akademie der Wissenschaften am 9. Januar 1851, em: *Grimm, Jacob / Grimm, Wilhelm: Werke. Forschungsausgabe. Abt. I, Bd. I, Kleinere Schriften I*, pp. 256-299.
- Grimm, Jacob / Grimm, Wilhelm (1985-): *Werke. Forschungsausgabe*, Hildesheim et al.: Olms-Weidmann.
- Humboldt, Wilhelm von (1963): «Ueber die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts» em: *Humboldt, Wilhelm von: Werke in fünf Bänden*, vol. 3, Andreas Flitner / Klaus Giel (eds.), Stuttgart: J. G. Cotta'sche Buchhandlung, pp. 368-756.
- Meillet, Antoine (1936): «Michel Bréal et la grammaire comparée au Collège de France», em: *Linguistique historique et linguistique générale*, Paris: Klincksieck.
- Meyer-Lübke, Wilhelm (<sup>3</sup>1935): *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg: C. Winter (REW).

- Michaëlis, Carolina (1876): *Studien zur Romanischen Wortschöpfung*, Leipzig: F.A.Brockhaus.
- Monte Carmelo, Fr. Luiz do (1767): *Compêndio de Orthografia*, Lisboa: Galhardo.
- Schleicher, August (1850): *Die Sprachen Europas in systematischer Übersicht*, Bonn: H. B. König.
- Schleicher, August (1866): *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen: Kurzer Abriss einer Laut- und Formenlehre der indogermanischen Ursprache [...]*. Weimar: Böhlau.
- Schleicher, August (1868): *La théorie de Darwin et la science du langage: de l'importance du langage pour l'histoire naturelle de l'homme. Avec un avant-propos de Michel Bréal*, Paris: A. Franck.
- Schleicher, August (<sup>2</sup>1873): *Die Darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft. Offenes Sendschreiben an Herrn Dr. Ernst Hæckel [...]*. Weimar: Böhlau.
- Schleicher, August (1983 [1848]): *Sprachvergleichende Untersuchungen*. Unveränderter Nachdruck der Ausgabe Bonn 1848, Frankfurt/Main: Minerva.
- Sternemann, Reinhard (1984): *Franz Bopp und die vergleichende indoeuropäische Sprachwissenschaft: Beobachtungen zum Boppschen Sprachvergleich aus Anlass irriger Interpretationen in der linguistischen Literatur*, Innsbruck: Institut für Sprachwissenschaft der Universität.
- Thielemann, Werner (1994): «Franz Bopp – Rückwirkung nach Frankreich: Michel Bréal – Schüler, Übersetzer und Kritiker», em: Sternemann, Reinhard (ed.): *Bopp-Symposium der Humboldt-Universität zu Berlin*. Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, pp. 285-301.
- Thielemann, Werner (1999), «O português do <Século das Luzes>: Normvorstellungen und Sprachstand des Compêndio de Orthografia (1767) von Frei Luiz de Monte Carmelo», em: Endruschat, Annette / Schönberger, Axel (eds.): *Neue Beiträge zur portugiesischen Sprachwissenschaft*, Frankfurt/Main: TFM, pp. 71-104.
- Thielemann, Werner (em preparação): «Amerindische Sprachen in der Grammatik-Schreibung – von Anchieta bis zu Wilhelm von Humboldts Mexicanischer Grammatik», em: *Actas "The History of Linguistics in Texts and Concepts" Potsdam, 15.-17. November 2001*.
- Vieira, Frei Domingos (1871-1874): *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*, 5 vols., Porto: Chardron & Moraes.